



António Valdemar

Um abraço feito de palavras na morte de Manuel Rita

“Trocava, pelo telemóvel, com Manuel Rita votos de Boas Festas e de Bom Ano. A última vez foi no último dia de Dezembro. Fiquei de voltar ao Corvo. Continuava de braços abertos para me receber. No verão, talvez, com a família. Resta a lembrança afetuosa do Manuel Rita ao revelar-me, o Corvo, real e concreto, sem me destruir a força mítica e a irradiação mágica que envolvem a viagem.”



Presto homenagem à memória de Manuel Rita, notável autarca da ilha do Corvo e não menos notável figura humana. Morreu como viveu. Em pé e com o mar ao fundo, aberto a todos os mares e a todos os céus. Tive o privilégio de o conhecer pessoalmente e a seu convite desloquei-me ao Corvo, para ler e comentar o testamento de Mouzinho da Silveira onde manifestara o desejo de ser ali sepultado.

Durante a Presidência Aberta de Mário Soares aos Açores já estivera no Corvo. Foi um dia e uma noite. A ilha em festa. Muitas palmas à chegada e muitas palmas à saída. Um jantar de honra com uma ementa inimaginável, trinta pratos e os melhores vinhos. Horas antes, enquanto estive nas Flores, a pedido de Mário Soares, fui o orador oficial numa cerimónia que decorreu junto do Farol do Alvernaz, onde termina a Europa e começa a América. Foi um discurso integrado num roteiro de conteúdo simbólico que seleccionou destinos ancestrais, figuras históricas e lugares emblemáticos.

Voltei, anos depois, às Flores, a convite do Cristiano Gomes. Era presidente da Câmara, um autarca de referência. O seu filho Ricardo encontrava-se de férias e prontificou-se a ser o meu cicerone. Levou-me à casa de Roberto de Mesquita, ao Convento Franciscano recuperado, a algumas igrejas, sem património considerável, mas com uma situação geográfica privilegiada. Um almoço na Fazenda confeccionado pelo mesmo «artista» que organizou os 30 pratos no Corvo, na Presidência Aberta. A excelência da gastronomia não interrompeu a visita. Ricardo mostrou-me, depois, o espetáculo da Lagoa e, juntamente, com tudo isto, desvendou-me todos os verdes que há no verde, sobretudo quando iluminado de sol ou molhado de chuva e de nevoa e,

em certas curvas, a terra a rasgar-lhe perante o mar alteroso e cavado. Mergulhei sempre onde foi possível. Constituiu um encontro com a exuberância da natureza.

Mas faltava-me o outro Corvo, a ilha mais remota e com uma irrecusável carga mítica. As alusões aos vestígios fenícios e romanos fazem acentuar uma sucessão de enigmas que continuam a motivar estudos de arqueólogos e historiadores. Até o circunspeto Damião de Gois, na **Crónica do Príncipe D João II** (1567) escreveu que «encontrou no Corvo, no alto de um monte, uma estátua de pedra, assente numa base quadrada que lhe servia de embasamento, representando um homem a cavalo, coberto com um manto, mas com a cabeça descoberta (...). Com a mão esquerda agarrava as crinas do cavalo e o braço direito tinha-o estendido e com o dedo indicador apontava o Ocidente...». Estamos no domínio da alegoria?

Lembro-me, nos anos 50, do escultor Canto da Maya desejar ir ao Corvo. Julgo que, a princípio, terá sido incitado pela leitura dos **Pequenos Mundos e Velhas Civilizações** de Ferreira de Castro, (amigo de sua filha Violante, uma das suas tradutoras para francês, mas desistiu da leitura e optou pelas **Ilhas Desconhecidas** de Raul Brandão. Tornou a viagem inadiável. “Tem de ser, tem de ser, antes de morrer”, repetiu-me várias vezes numa tarde na sua casa, num pequeno monte, na estrada da Ribeira Grande. «Mas como será?» Ainda não havia restaurantes e pensões. Silva Júnior que repartia o exercício do jornalismo com funções desempenhadas no «Bureau de Turismo», instalado uma das esquinas de Ponta Delgada, ao pé do velho cais, por onde passava gente que ia e vinha de todas as partes do mundo para visitar São Miguel sugeriu a Canto da Maya que escrevesse ao presidente da Câmara.

Respondeu-lhe, na volta do correio, informando-o que, logo que chegasse ao Corvo, poderia ir o tempo que quisesse para casa do Padre Eugénio Rita (Tio de Manuel Rita). Tomou o próximo navio. O Padre Rita deu-lhe cama e mesa. Rodeou-o de todas as atenções. Mas, além disto, era um livro aberto a falar do Corvo e dos corvinos, das catástrofes cíclicas e da luta para recomeçar a vida. Canto da Maya ficou maravilhado.

O Corvo tem um imaginário surpreendente. Fiquei numa residencial e comia no único restaurante que existia: o melhor peixe, a melhor carne, o melhor pão e o melhor queijo. Manuel Rita quando se despachava do trabalho na Câmara deu-me toda a assistência. Era um homem prático, com estudos rudimentares, mas com agudo sentido pragmático. Emigrara para a América e decidiu voltar. Amealhou o suficiente para uma vida digna. A política causou-lhe desgostos e surpresas, mas não o impediu de realizar obras que transformaram o Corvo. Tais como a introdução do saneamento básico, criando as necessárias condições de higiene e salubridade; a estrada que liga o centro da vila ao Caldeirão e a instalação de painéis solares, em todas as casas, para o aquecimento das águas. Foi o primeiro concelho dos Açores e de todo o País a adotar esta inovação.

Vi no Corvo tudo o que tinha a ver e sem pressas. Mas não havia os itinerários das Flores. Os trajetos eram poucos e rápidos. Podia ficar só a olhar para as casas, a andar pelas ruas. Cordialmente saudado por pessoas que nunca falara, mas que já sabiam que eu estava na ilha. Ter os olhos próximos e distantes. Respirar o cheiro da terra das pastagens. Sentir as rajadas do vento envolvidas de maresia. Imaginar o possível e o impossível no céu nublado e com aberturas. Pensar nos versos de Antero: «as nuvens são fantásticas ruínas, ao longe no horizonte amontoadas...»

Poder interrogar-me, dentro da própria ilha, acerca do que será nascer e continuar ali, a vida inteira no Corvo? Ou, então, emigrar, regressar e permanecer até à morte? Temos Aeroporto, temos televisão, temos agora, acesso às redes sociais? O que é o melhor e o que é o pior? O que perdura no Corvo da narrativa de Raul Brandão e da poesia de Roberto de Mesquita? Pelo menos o silêncio que nos permite dialogar com a natureza e fazer a nós próprios muitas daquelas perguntas sem resposta e que remetem para o mais íntimo da condição humana.

Trocava, pelo telemóvel, com Manuel Rita votos de Boas Festas e de Bom Ano. A última vez foi no último dia de Dezembro. Fiquei de voltar ao Corvo. Continuava de braços abertos para me receber. No verão, talvez, com a família. Resta a lembrança afetuosa do Manuel Rita ao revelar-me, o Corvo, real e concreto, sem me destruir a força mítica e a irradiação mágica que envolvem a viagem. Hoje tudo fica resumido neste abraço de palavras. De condolências. Muito incompletas. Mas bastante sentidas.